

revista

Geo 
USP
espaço e tempo

Volume 18, nº 2 (2014)

ISSN 2179-0892

Uma crítica do espaço-tempo norte-americano

Danilo Volochko

Universidade Federal de Mato Grosso

p. 458 – 460

Artigo disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/geousp/editor/submission/84543>

Como citar este artigo:

VOVLOCHKO, D. Uma crítica ao espaço-tempo americano. *GEOUSP – Espaço e Tempo (Online)*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 458-460, 2014.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 3.0 License.

Uma crítica do espaço-tempo norte-americano

AMÉRICA. Direção: João Moreira Salles. Videofilmes, 1989. DVD, NTSC, color, 99 min.

As constantes crises que atingem países centrais e periféricos revelam momentos do desenvolvimento das contradições relativas à reprodução do capitalismo mundial. Na fase atual, novos países – como os do Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) – se tornam alvo dos deslocamentos financeiros em busca de novas capitalizações. Esse processo evidencia uma crise nos países centrais que teve um lugar de origem bem definido: os EUA, um dos maiores centros propulsores do capitalismo, razão pela qual se faz importante refletir sobre aspectos da história, cultura e formação desse país. Como possibilidade de complementar o estudo dos processos que importam à constituição da situação presente – como a mundialização capitalista –, julgamos pertinente traçar um comentário analítico sobre um trabalho televisivo da década de 1980 tendo os EUA como foco. A hipótese que move este exercício é a de que esse documento auxilia a análise geográfica dos processos de produção do espaço, formação territorial, imigração, urbanização, constituição da cotidianidade e mundialização, reforçando a importância do vídeo como recurso didático no processo de ensino-aprendizagem da geografia.

Em 1989, João Moreira Salles dirigiu *América*, uma série de cinco programas gravados nos EUA e exibida na antiga TV Manchete. Na série – influenciada pelo livro homônimo de Jean Baudrillard –, o diretor caracteriza o “espírito” norte-americano com beleza e profundidade, resultando num excelente trabalho audiovisual situado nos limites entre o cinema e o documentário televisivo. Entrevistando poetas, fotógrafos, imigrantes, cantores de blues, intelectuais, escritores, empresários e moradores negros de guetos pobres, o diretor compõe um argumento bastante revelador da formação histórica, social e cultural daquele país, mas o que merece atenção é o fato de que no centro do seu argumento está a questão espacial. Assim, uma “geografia em gestação” orienta passado, presente e futuro nos EUA, “a estrada e o deserto”, ao lado do blues, são na série “definições possíveis da América”.

O documentário apresenta um olhar atento à paisagem estadunidense, que é tratada como produto de uma sociedade em “constante movimento”, cujo fundamento foi e tem sido “movimentar-se” e deslocar-se no espaço, sempre para mais além. As “cidades sem limites”, os viadutos, “os imensos prédios” são apontados como elementos de uma paisagem carregada de fluidez, a ser percorrida rapidamente. Uma contraposição interessante aos EUA é feita logo no início da série, quando a equipe se dirige ao México, para uma pequena vila perto da fronteira.

Para o diretor, o México representa a antítese estadunidense, pois lá, diferentemente de seus vizinhos do norte, existe “um respeito pelo tempo, pelo que permanece”, como é apontado. Para o mexicano, diz o texto, “sua história é tão sólida quanto a pedra”, e seus “monumentos e espaços dizem a eles quem eles são, sendo sua referência no mundo”. A questão da memória, seu desprezo e ônus na América, onde “o que importa é o futuro”, faz com que “os EUA se oponham ao México como o vento à montanha”. A formação territorial estadunidense se fundamenta – como em outros países coloniais – no deslocamento por um espaço a conquistar. Em sua “marcha para o oeste”, esta sociedade encontrou o que foi visto por ela como “obstáculos” pelo caminho: os indígenas, desconsiderados como civilização e tomados como “acidentes geográficos” pela marcha colonizadora, revela o vídeo. Os filmes de faroeste retratam esse ponto de vista da sociedade branca se aventurando sobre novos espaços a serem conquistados dos nativos e anexados à nação que se expande. Mas, para Salles, nas lentes de John Ford o deserto se tornou cinema; criou-se o gênero dos *westerns*, incorporado ao imaginário não apenas estadunidense como mundial.

A figura do viajante aventureiro (*drifter*) e a do “vagabundo” que viajam de cidade em cidade – pegando carona ou subindo em trens de carga – “abandonando tudo” (sua família, seu passado) “e seguindo em frente” em busca de trabalhos sazonais, fugindo da lei e da polícia, buscando diversão, sendo frequentemente taxados de “comunistas”, *outsiders* (foras da lei) que afrontam o *american way of life* – ameaçando o núcleo familiar estável em geral protestante da classe média, base da reprodução capitalista –, essa figura desajustada foi retratada pela literatura, música e pelo cinema, mostra a série. Há uma constante resignificação dessa *prática espacial do deslocamento* que marca a cultura, a geopolítica e o cotidiano da sociedade estadunidense. Se há um fio que une a produção artística e literária estadunidense, esse fio poderia ser a estrada, as viagens, o próprio espaço em movimento, forjando o que o diretor chama de uma cultura e uma “arquitetura de beira de estrada”, que elege como seu maior ícone o automóvel. É possível, através da série, discutir a geopolítica dos EUA, baseada na matriz energética do petróleo que move seu objeto-ícone (o carro) e que representa uma determinada prática espacial, um modo de habitar, ligando-se à suburbanização residencial e à vigorosa malha de *freeways*. O narrador sintetiza: “morar em Los Angeles é quase habitar um veículo”, remetendo à constituição do que denomina “universo *drive-in*”.

Como produto e condição dessa suburbanização, a segregação se revela na construção de territórios dominados por gangues e marcados pela violência, geralmente integrados por imigrantes pobres de origem negra ou hispânica. Mesmo em grandes metrópoles “cosmopolitas”, criam-se redutos exclusivos de judeus, chineses, italianos, negros, pois, como entende Salles, os EUA são um país de imigrantes que trouxeram “consigo suas próprias fronteiras”. Há um movimento contínuo de invenção na América, ligado à ideia de um mundo (um espaço) sem referências e novo, a ser produzido, gerando também “abandono” e “esquecimento”: de espaços, pessoas, cidades inteiras. A série revela a tibieza da memória nos EUA ao afirmar que “ser americano é esquecer”. Já o sul “se desenvolveu à margem da vertigem americana”, marcado por desigualdades que articulavam a exploração local à dominação das elites do norte. A música do sul, sobretudo a música negra do Mississippi ou da Louisiana, o blues e o jazz, são vistos como algo que “uniu o diferente”, sendo uma positividade do “novo” na América. Através do

blues, o homem negro se exprime como homem livre, o que se distingue da indústria cultural de Hollywood, que ajudou a propagar o consumo de massa e o poderio dos EUA por meio de uma cultura militarizada e apolagética da propriedade e direitos individuais.

O filme retrata ainda o momento em que os EUA consolidam a passagem do regime fordista para o chamado regime de acumulação flexível, quando sua indústria e economia se reestruturam para enfrentar a concorrência japonesa e europeia. Tratava-se de uma mudança no espaço-tempo da acumulação capitalista, que necessitava (e necessita) expandir-se para periferias e semiperiferias, apoiando-se na informatização, financeirização e desregulamentações. A série *América* toca em vários pontos de interesse para o debate da geografia, esclarecendo a centralidade da produção do espaço e seu domínio sobre o tempo, na “América” e na reprodução do capitalismo atual. Este trabalho audiovisual se apresenta como ótimo instrumento complementar para compreensão das relações espacialidade-temporalidade, geografia-história, e de conceitos – paisagem, formação territorial, produção do espaço, urbanização, segregação, cotidianidade, reestruturação produtiva – que podem ser desenvolvidos por professores de geografia em sala de aula, seja no ensino médio, seja no ensino universitário.